
DA CONCILIAÇÃO A INTERVENÇÃO: A POSTURA NORTE-AMERICANA FRENTE O IRÃ DE MOSSADEGH (1951-1953)¹

FROM CONCILIATION TO INTERVENTION: THE AMERICAN POSTURE
TOWARDS MOSSADEGH'S IRAN

DOI: 10.5380/cg.v%vi%i.84337

Tiago Valêncio de Melo²

Resumo

A presente análise tem como objetivo a compreensão da política externa norte-americana frente ao processo de nacionalização da indústria petrolífera no Irã, sob o governo de Mohammed Mossadegh entre 1951 e 1953. O trabalho divide-se em duas etapas: Primeiramente, analisa-se o período referente ao governo de Mossadegh nos anos de 1951 e 1952; A segunda etapa apresenta enfoque no restante do governo Mossadegh, entre os anos de 1952 e 1953. A hipótese apresentada é que este segundo período levou a uma mudança na postura da política externa norte-americana frente à questão iraniana. Os esforços de Mossadegh, em marginalizar a figura do Xá, causaram preocupação em Washington, que gradualmente passa a adotar uma postura de ação com caráter mais intervencionista – distanciando-se de uma ação conjunta com Londres – culminando na Operação Ajax e a deposição do governo nacionalista em agosto de 1953. Desta forma, a pesquisa pretende contribuir com o debate acerca de tal acontecimento histórico apresentando uma perspectiva distinta para explicar esta contundente mudança na linha de ação norte-americana - em contraste com as justificativas mais utilizadas para tal transformação na linha de atuação que, majoritariamente, partem do princípio da percepção do risco da ascensão do comunismo no país Persa e a influência de Londres no processo. A metodologia apresenta caráter qualitativo, fundamentando-se no método histórico-analítico e descritivo.

Palavras-Chave: Mossadegh; Operação Ajax; Geopolítica Energética; Política Externa Norte-Americana.

Abstract

The present analysis aims to understand the US foreign policy in face of the process of nationalization of the oil industry in Iran, under the government of Mohammed Mossadegh between 1951 and 1953. It's divided in two stages: First, it analyzes the period referring to the Mossadegh government in the years 1951 and 1952; The second stage focuses on the remainder of the Mossadegh government, between 1952 and 1953. The hypothesis presented is that this second period led to a change in the stance of US foreign policy towards the Iranian question. Mossadegh's efforts to marginalize the figure of the Shah caused concern in Washington, which gradually began to adopt a more interventionist stance of action - distancing itself from joint action with London - culminating in Operation Ajax and the overthrow of the nationalist government in August 1953. In this way, the research intends to contribute to the debate about this historical event by presenting a different perspective to explain this striking change in the North American line of action - in contrast to the most used justifications for such a transformation in the line of action that, for the most part, are based on the perception of the risk of the rise of communism in the Persian country and the influence of London in the process. The methodology has a qualitative character, based on the historical-analytical and descriptive method.

Keywords: Mossadegh; Operation Ajax; Geopolitics of Energy; United States Foreign Policy.

¹ Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), sendo permitido o compartilhamento com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

² Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Goiás (2020) e Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Pampa (2016). E-mail: tiagovalencio@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8020-6444>.

1. INTRODUÇÃO

A presente análise tem como objetivo compreender o desenvolvimento da política externa norte-americana frente ao processo de nacionalização da indústria petrolífera no Irã, sob o governo de Mohammed Mossadegh entre 1951 e 1953. Busca-se identificar quais foram as reações dos Estados Unidos frente os desafios impostos por tal processo para a questão energética, em um contexto no qual o fluxo de petróleo iraniano representava importante insumo no rearmamento e reconstrução da Europa Ocidental no pós-guerra - em meio à disputa por recurso no contexto da Guerra Fria.

De forma mais específica, esta pesquisa busca contribuir com a já existente discussão acerca deste acontecimento através da hipótese de que o principal motivo por trás da mudança na postura norte-americana frente ao governo iraniano - que, como veremos, se acentua de forma ríspida a partir de 1952 - seria o diagnóstico, por parte de Washington, de que a figura da monarquia iraniana - cristalizada na figura do Xá - seria o elemento essencial para manutenção da estabilidade no território persa e, conseqüentemente, seu alinhamento junto ao ocidente em um contexto de Guerra Fria. Esta leitura de ameaça existencial ao eixo central da política norte-americana para o Irã (a monarquia) foi responsável por deteriorar a imagem do líder iraniano em Washington, eventualmente conduzindo a deflagração da chamada Operação Ajax³ - responsável pela deposição do regime do primeiro-ministro nacionalista.

Assim sendo, esta interpretação diverge das que se apresentam de forma mais frequente na literatura. Como, por exemplo, a interpretação apresentada por Israeli (2013), que apresenta a perspectiva de que a decisão norte-americana de conduzir o golpe de estado foi fruto das manobras britânicas realizadas no sentido de “manipular” Washington a agir de forma mais assertiva através da ilustração do líder iraniano como um ator irreduzível e incapaz de conduzir as negociações do processo de nacionalização em direção à um ponto de convergência com o governo de Londres.

Outra tradicional corrente, presente na interpretação de Mokhtari (2008), apresenta como uma das explicações para a decisão norte-americana o temor em relação ao Tudeh, o Partido Comunista Iraniano. Conforme tal linha de raciocínio, o governo nacionalista de Mossadegh - no sentido de combater seu crescente isolamento após 1952 - teria se aproximado em demasia de tal grupo político. Tal fato teria conduzido a interpretação de que o governo iraniano acabaria por tornar-se vulnerável a uma investida dos interesses soviéticos na região.

Como forma de divisão metodológica da argumentação que visa o teste da hipótese apresentada, o presente trabalho divide-se em duas etapas.

Primeiramente, analisa-se o período referente ao governo de Mossadegh nos anos de 1951 e 1952. Este período é compreendido como um processo de busca por uma resolução da questão

³ A Operação AJAX foi uma iniciativa do governo norte-americano, através da CIA entre os dias 15 e 19 de agosto de 1953, culminando na deposição de Mossadegh e na reafirmação da monarquia persa.

petrolífera, mediante negociação entre as partes envolvidas: o Irã e a Grã-Bretanha. Concebe-se a atuação norte-americana majoritariamente como uma postura de mediação no conflito entre as partes. Neste primeiro momento, Washington apresentou uma perspectiva conciliadora, reconhecendo o direito iraniano de se nacionalizar um recurso presente em seu território e buscando formas de conciliar os interesses de dois atores intransigentes num contexto de efervescência entre as partes.

A segunda etapa apresenta enfoque no restante do governo Mossadegh, entre os anos de 1952 e 1953. Apresenta-se a ideia de que, frente a um impasse negocial e a crescentes pressões econômicas advindas do embargo britânico, o regime iraniano passou a adotar uma postura de maior hostilidade, resultando em preocupações norte-americanas acerca da situação. Não obstante, conflitos internos entre Mossadegh e o Xá – decorrentes de uma fracassada tentativa de o monarca depor o regime nacionalista – levaram o primeiro-ministro a uma postura de hostilidade também com as instituições da realeza, vistas por Washington como principal elemento de estabilidade em um país com recursos estratégicos de extrema importância e situado na fronteira soviética.

A hipótese apresentada é que este segundo período levou a uma mudança na postura da política externa norte-americana frente à questão iraniana. Os esforços de Mossadegh, em marginalizar a figura do Xá, acenderam o alerta vermelho em Washington, que gradualmente passa a adotar uma postura de ação com caráter mais unilateral – distanciando-se de uma ação conjunta com Londres – culminando na Operação Ajax e na deposição do governo nacionalista em agosto de 1953.

A metodologia apresenta caráter qualitativo, fundamentando-se no método histórico-analítico e descritivo. Faz-se o uso de fontes primárias, mediante acesso a documentos disponibilizados pelo Departamento de Estado norte-americano nas coleções “Foreign Relations of The United States”. Paralelamente, utiliza-se também produções bibliográficas secundárias e de caráter científico, como forma de se contribuir no debate acerca do tema através da proposição de um contraponto às análises mais tradicionais sobre a questão.

2. A ABORDAGEM CONCILIADORA (1951-1952)

A Frente Nacional⁴, liderada por Mossadegh⁵, chegou ao poder no Irã em 1951, em meio a um conturbado cenário político. Ainda no mesmo ano, o então primeiro-ministro Ali Razmara⁶ foi

⁴ A Frente Nacional era uma ampla coalizão de movimentos políticos, fundamentada principalmente na classe média urbana e formada para coordenar a oposição aos interesses estrangeiros. Mossadegh acabou emergindo como seu principal líder.

⁵ Mohammad Mossadegh (1882-1967), ocupou o posto de primeiro-ministro do Irã de 1951 a 1953.

⁶ Haj Ali Razmara (1901-1951), ocupou o posto de primeiro-ministro do Irã de 1950 a 1951.

assassinado, em março. Posteriormente, seu substituto, Hossein Ala⁷, deixou o cargo em poucos meses. Mossadegh assume, portanto, com o prospecto e a figura de ser um herói nacional, aclamado pelo *Majlis*⁸ e imediatamente aprovando a Lei de Nacionalização dos Hidrocarbonetos (GASIOROWSKI, 1987).

No que tange o posicionamento de Washington, a crescente instabilidade política iraniana conduziu a perspectiva de que a figura do Xá Reza Pahlavi⁹ seria a única capaz de prover garantias de estabilidade à nação persa. Tal ponto de vista se torna perceptível em mensagem datada de 7 de março – antes da chegada de Mossadegh ao poder e no dia da morte de Razmara – enviada por Dean Acheson¹⁰ à embaixada em Teerã:

A remoção de Razmara cria uma grave crise, que necessita mão e direção firmes [...] Para o departamento, a única pessoa capaz de tal, na presente circunstância, é o Xá. Acreditamos que Estados Unidos e Inglaterra devem apoiá-lo de todas as formas palpáveis e encorajar que este aja com força e vigor. (Documento 4)¹¹

Tal perspectiva é reforçada em outro documento (Documento 5), datado de 14 de março, onde se torna explícito que o principal atributo do próximo primeiro-ministro deveria ser a lealdade ao Xá. Desta forma, é evidente como o discurso de defesa da centralidade da figura da monarquia no contexto político persa era visto como um elemento vital da política externa norte-americana. O posto, inicialmente, coube a Hossein Ala, que brevemente ocuparia o cargo até a chegada de Mossadegh.

O Governo da Frente Nacional delimitou um programa claro: estabelecer a nacionalização da indústria petrolífera e expurgar a interferência estrangeira no país – representada pela Inglaterra, responsável pela exploração dos hidrocarbonetos e apontada como culpada pelos problemas de uma nação que ainda sofria com a ocupação de Soviéticos e Britânicos durante a Segunda Guerra, em 1941¹², e a Crise no Azerbaijão, em 1946¹³.

⁷ Hossein Ala (1881-1964), ocupou o posto de primeiro-ministro do Irã em 1951 e de 1955 a 1957.

⁸ Equivalente à câmara menor do parlamento iraniano, em contraste com o Senado. Era composto por 60 membros, sendo 30 eleitos de forma direta e outros 30 indicados pelo Xá.

⁹ Mohammad Reza Pahlavi (1919-1980) foi o monarca iraniano de 1941 a 1979.

¹⁰ Dean Gooderham Acheson (1893-1971), secretário de Estado da administração Truman de 1949 a 1953.

¹¹ Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas de forma livre, com as citações originais sendo apresentadas em notas de rodapé. “*Removal Razmara from picture creates grave crisis which requires firm hand and forceful direction [...] Only person in Dept’s opinion who could provide this direction under present circumstances is Shah and we believe US and Brit should support him in every feasible way and encourage him to act with force and vigor in crisis.*”

¹² Em 1941, embora tenha se posicionado de forma neutra no conflito, o Irã foi invadido por uma operação conjunta Anglo-Soviética, levando a divisão do país em duas zonas de influência: o norte soviético e o sul britânico.

¹³ Em 1946, o governo soviético se opôs à retirada de suas tropas da zona de ocupação no norte do país. Como consequência, estabeleceu dois Estados-Fantoches: O Governo Popular do Azerbaijão e a República de Mahabad, dissolvidas no mesmo ano.

Em mensagem enviada por Henry Grady¹⁴, relatando reunião com um grupo de senadores iranianos, este afirma (Documento 18): “Todos [os senadores] concordaram que a questão do petróleo é um símbolo do intenso movimento nacionalista. Iranianos podem, pela primeira vez, desafiar os poderes que os dominaram no passado”¹⁵.

Contrariando as expectativas norte-americanas, Mossadegh não gozava da simpatia do Xá. De fato, no documento citado anteriormente, o embaixador fez a seguinte observação acerca da reação do monarca: “Ele se sente insatisfeito com a legislação sobre o petróleo e a escolha de Mossadegh, mas não teve alternativas a não ser aceitar. Ele indicou não esperar que Mossadegh dure muito”¹⁶. A percepção de que Mossadegh era um contraponto aos interesses da monarquia também aparecem em um memorando da CIA, do dia 1º de maio de 1951. Nas palavras do relatório, o primeiro-ministro não gozava da simpatia e confiança do Xá (Documento 20).

A proposta de nacionalizar a exploração dos recursos energéticos trouxe grande preocupação ao ocidente, especialmente em um contexto onde o petróleo ganhava maior importância estratégica (HENNIKER-MAJOR, 2013). As necessidades de reconstrução da Europa Ocidental e as políticas de rearmamento adotadas em tal período aumentaram significativamente a primazia do recurso. Neste sentido, o país persa tornou-se ainda mais importante estrategicamente – uma vez que, neste período, era responsável por 7% do fornecimento global de petróleo bruto, 5,3% do global de produtos refinados, 31% dos produtos refinados e 16% de óleo bruto utilizado pela Europa Continental, 25% da demanda doméstica britânica e 70% da demanda do Sul da Ásia (Documento 39).

A perspectiva norte-americana, quanto à importância do petróleo iraniano, é evidenciada na Resolução 107 do Conselho Nacional de Segurança (Documento 35):

É de crítica importância para os Estados Unidos, que o Irã permaneça uma nação independente e soberana, firmemente alinhada com o mundo livre. Devido a sua posição estratégica chave, seus recursos petrolíferos, sua vulnerabilidade à intervenção ou uso da força por parte da URSS [...] A perda do Irã por causas normais ou intervenção soviética resultaria: a) Em uma ameaça à segurança de todo o Oriente Médio, bem como ao Paquistão e à Índia; b) Negar ao mundo livre o acesso ao petróleo iraniano e ameaçar a perda de todo o petróleo do Oriente Médio. Tais desenvolvimentos afetariam seriamente a economia do Ocidente e seus interesses militares tanto na paz quanto na guerra. Em vista da grande dependência da Europa Ocidental em relação ao petróleo iraniano, particularmente da Refinaria de Abadan.¹⁷

¹⁴ Henry Francis Grady (1882-1957) foi o embaixador norte-americano no Irã de 1950 a 1951.

¹⁵ “All agreed that the oil question is a symbol for the expression of the present intense nationalist drive. Iranians can for the first time defy the powers that have dominated them in the past”

¹⁶ “He feels quite unhappy about oil legislation, and selection Mosadeq, but on basis past procedure, he had no alternative but to accept both. He indicated he did not expect Mosadeq to last long”

¹⁷ “It is of critical importance to the United States that Iran remain an independent and sovereign nation firmly aligned with the free world. Because of its key strategic position, its petroleum resources, its vulnerability to intervention or armed attack by the USSR [...] The loss of Iran by default or by Soviet intervention would: a) Threaten the security of the entire Middle Eastern area and also Pakistan and India.; b) Deny the free world access to Iranian oil and threaten the loss of Middle Eastern oil. These developments

Mais do que isso, no que tange especificamente ao Reino Unido, a indústria energética iraniana era vital. A exploração do petróleo persa correspondia a 80% dos lucros da Anglo-Iranian Oil Company (AIOC, posteriormente British Petroleum). Conforme números apresentados por Israeli (2013), apenas no exercício de 1949-1950, a empresa forneceu aos cofres britânicos 24 milhões de libras em impostos e mais 92 milhões de libras em divisas.

Para os britânicos – em delicada posição econômica e em processo de recuperação após a Guerra – como bem apontado por Heinikker-Major (2013) e Kim (2006), perder os recursos provenientes da exploração no sul do Irã seria um golpe letal, especialmente em um contexto de acentuada crise na balança de pagamentos como o cenário pós-guerra, quando as receitas provenientes da exploração do petróleo persa serviam como um grande desafogo para os esforços de reconstrução do país e a pujança da refinaria de Abadan - até então, a maior unidade de seu tipo no mundo - servia como um alento e suspiro de lembrança dos tempos em que o Império Britânico era o principal protagonista do Sistema Internacional.

Como apresenta Kim (2006), esta perspectiva não era adotada de forma exclusiva pelos tomadores de decisão em Londres. De fato, conforme exposto pelo autor, a opinião pública britânica interpretou o ato de nacionalização como um “roubo” e “pirataria”. Tais fatores motivaram, por parte da administração londrina, a adoção de uma postura inflexível e intransigente (MARSH, 2003) - muito explicada pelo apoio da opinião pública e a necessidade de manutenção dos benefícios econômicos oriundos da exploração dos hidrocarbonetos persas. Indícios de tal podem ser vistos em carta enviada no dia 5 de junho de 1951 (Documento 27), pelo então primeiro-ministro Clement Attlee¹⁸ ao presidente Truman¹⁹:

Estas leis, apesar de não serem mais do que apenas algumas resoluções vagamente formuladas, aparentemente envolvem uma rescisão unilateral do acordo de concessão de 1933, bem como a tomada por parte do governo iraniano de toda a indústria do petróleo no Sul da Pérsia. Como você, Sr. Presidente, deve reconhecer, isto resultaria em um grande golpe à indústria de petróleo persa e com graves repercussões no mundo livre. O efeito na economia do Reino Unido seria dos mais sérios e afetaria nossos planos de rearmamento. Além disso, uma quebra de contrato desta natureza poderia comprometer outros contratos no exterior, não apenas aqueles detidos por companhias britânicas e americanas para o desenvolvimento da indústria petrolífera no Oriente Médio, mas também acerca de outros produtos em outras localidades.²⁰

would seriously affect Western economic and military interests in peace or in war in view of the great dependence of Western Europe on Iranian oil, particularly the refinery at Abadan. [...]

¹⁸ Clement Richard Attlee (1883-1967), foi o primeiro-ministro britânico de 1945 a 1951.

¹⁹ Harry S. Truman (1884-1972), foi o presidente dos Estados Unidos de 1945 a 1953.

²⁰ *“These laws, though they are in fact little more than a series of loosely-drafted resolutions, appear to involve unilateral cancellation of the company’s 1933 concession-agreement, and the taking over by the Persian Government of the whole oil industry of southern Persia. As you, Mr. President, will recognize, this could result only in grave harm to the Persian oil industry with the most serious repercussions on the whole free world. The effect on the economy of the United Kingdom would be most serious and might well affect our rearmament plans. Furthermore, a breach of contract of this nature might well jeopardize other overseas*

De fato, é possível afirmar que os negociadores britânicos jamais demonstraram considerável disponibilidade ou viram com bons olhos a possibilidade de se negociar os termos dispostos no acordo de concessão da AIOC assinado em 1933 – os quais tornaram-se objeto constante de protestos e contestações por parte da opinião pública e da crescente classe de políticos com tendências nacionalistas que, posteriormente, deram origem a Frente Nacional liderada por Mossadegh. As negociações para renovar a concessão tiveram início em 1948. De forma quase paralela, como apresentado por Israeli (2013), os Estados Unidos estabeleceram dois acordos de concessão para exploração dos hidrocarbonetos que tornaram-se a grande referência contemporânea para estabelecimento de diretrizes na área: o “acordo revolucionário”, como destaca o autor, firmado com a Venezuela em 1948 e, posteriormente, o acordo à Árabia Saudita, em 1950. Ambas as negociações estabeleceram uma divisão de 50% entre as partes no que se refere à divisão dos lucros da exploração.

O primeiro acordo firmado entre persas e britânicos para a exploração do petróleo iraniano foi feita em 1901, através de William D’Arcy²¹. Na concessão, estabeleceu-se que 16% dos lucros seriam repassados à Teerã. Entre 1932 e 1933, o acordo passou por uma pequena reformulação - oriunda de uma polêmica acerca da interpretação do direito iraniano para receber o percentual do lucro oriundo das subsidiárias da empresa que não estavam sediadas em seu território, uma contestação vencida pelo regime persa, embora tenha-se mantido os 16% como base e o acordo tenha sido renovado por 60 anos. Já a partir de 1948, Teerã passou a exigir uma renegociação da concessão com base no marco estabelecido pelo acordo Washington-Caracas, ou seja, 50% de todas as atividades ligadas à concessão.

Contudo, o acordo foi considerado como inviável pelos britânicos após “[...] a AIOC insistir publicamente que a sugestão de 50/50 era impraticável pois seria extremamente difícil calcular os lucros”²² (ISRAELI, 2013, p. 250). Esta intransigência nas negociações, já presente desde 1948, pode ser identificada como um dos motivos que levaram a repentina decisão de Mossadegh e do *Majlis* em anunciar o fim da concessão e nacionalização dos recursos energéticos, uma vez que o Irã se via preso em acordo extremamente desfavorável quando comparado aos novos padrões internacionais e, ainda, com uma vigência restante superior à quatro décadas.

Quanto à posição norte-americana, Washington identifica o processo como um potencial risco para a estabilidade dos mercados globais de petróleo. Em mensagem enviada à embaixada, no dia de 17 de março de 1951 (Documento 9), Acheson afirma: “Apesar de, no geral os Estados Unidos não serem favoráveis a nacionalização, este reconhece o direito de Estados soberanos nacionalizarem

contracts, not merely those held by British and United States companies for the development of Middle East oil resources.”

²¹ William Knox D’Arcy (1849-1917), foi o pioneiro na exploração dos hidrocarbonetos no território iraniano.

²² “the AIOC publicly insisted that the 50/50 suggestion was impractical because it was ‘extremely difficult to calculate profits.’”

mediante o pagamento de justa compensação”²³. Em outro documento, de 19 de agosto, a perspectiva é reiterada (Documento 72). Portanto, conclui-se que a nacionalização em si não representava um problema, mas sim os meios empregados no processo e seu desfecho – especialmente no que se refere ao temor de que a rescisão unilateral do contrato de concessão poderia ser um “mau exemplo” para outros estados terceiro-mundistas e produtores de commodities estratégicas.

Não apenas a administração em Washington, mas, como expôs Kim (2006), a própria opinião pública e imprensa norte-americana apresentaram, neste primeiro momento, uma latente simpatia pela figura do primeiro-ministro iraniano. Conforme exposto pelo autor, em novembro de 1951 o New York Times publicou editorial comparando Mossadegh aos grandes heróis da independência americana. Em janeiro de 1952, a Revista Time elegeu o iraniano o homem do ano. A simpatia com Mossadegh também era acompanhada por críticas à atuação da AIOC, acusando a empresa de atuar como um próprio Estado autônomo dentro da nação iraniana.

Desta forma, havia a preocupação de o processo iraniano ocorrer de maneira a se respeitar a integridade dos contratos internacionais, como expresso pelo Secretário de Estado em telegrama de 11 de maio (Documento 21), reiterando que os Estados Unidos manteriam “uma firme posição frente ao governo iraniano, contra a rescisão unilateral do contrato de concessão”²⁴. Além disso, havia o risco de que a situação gerasse um ‘transbordamento’ que poderia colocar em risco as operações e concessões de empresas norte-americanas no Oriente Médio – como na Arábia Saudita e no Kuwait (RUEHSEN, 1993).

Existia o consenso na administração norte-americana de que qualquer acordo de partilha dos *royalties* deveria respeitar a regra dos 50-50, que se consolidava como o padrão nas concessões de exploração de hidrocarbonetos (HENNIKER-MAJOR, 2013). Uma fórmula mais favorável aos iranianos poderia resultar no citado transbordamento e desestabilizar o mercado mundial (MARSH, 2003). Tal perspectiva é reforçada por Averell Harriman²⁵, em seus esforços de mediação, como o mesmo relata em julho de 1951 (Documento 43): “Eu afirmei diretamente que, seja qual fosse a forma do acordo, as companhias petrolíferas deveriam obter no total o equivalente a 50% das receitas líquidas”²⁶.

Além disso, o telegrama do secretário Acheson afirmou que a estratégia adotada não deveria se opor ao processo de nacionalização, de forma a não prejudicar a posição do Ocidente frente à opinião pública e ao governo de Teerã. Ênfase também foi dada a possíveis “reações adversas” que poderiam surgir mediante uma postura demasiadamente rígida adotada por Londres. Esforços

²³ “While in general US does not favor nationalization, US recognizes right of sovereign states to nationalize provided prompt payment just compensation made.”

²⁴ “US reps had taken and would continue take strong position with Iranian Govt against unilateral violation of concession contract”

²⁵ William Averell Harriman (1891-1986) ocupou o posto de embaixador norte-americano na União Soviética de 1943 a 1946, sendo designado como “Assistente Especial do Presidente” e encarregado da chamada “Missão Harriman”, conduzida em 1951 com o objetivo de mediar um acordo entre Irã e Reino Unido.

²⁶ “I told him bluntly that whatever the form of arrangement the oil companies in total would have to obtain equivalent of 50 percent of the net receipts”

deveriam ser adotados para dissociar a imagem dos Estados Unidos de qualquer ação em tal linha. A estratégia norte-americana seria, portanto, a de mediação e conciliação. Washington reconhecia a crucial importância do impasse para os dois lados – seja pela ambição nacionalista iraniana ou pela importância dos recursos para os britânicos – e deveria atuar no sentido de buscar a melhor solução possível, mantendo o fluxo estável do petróleo persa.

O governo da Frente Nacional defendia a perspectiva de que o próprio Irã deveria assumir o controle total das operações referentes à indústria petrolífera. Os anos de exploração e a atuação da AIOC conduziram a uma aversão aos interesses britânicos, uma vez que se materializou a visão de que a companhia interferiria nos assuntos internos de Teerã. Como reiterado pelo próprio Mossadegh, em conversa relatada por Harriman (Documento 52), o princípio de nacionalização compreendido pelo regime iraniano seria: “[...] todas as operações para prospecção, extração e exploração devem estar nas mãos do governo.”²⁷. Ainda no mesmo documento, o enviado norte-americano relata: “A questão que parece trazer maiores preocupações aos iranianos se trata de como prevenir o retorno da AIOC sob um diferente disfarce e operando de forma política, como afirmam ter sido no passado [...]”²⁸. O primeiro-ministro reafirmou tal posicionamento em encontro com o presidente Truman, em outubro de 1951, afirmando que o fim das operações britânicas seriam o ponto fundamental das negociações (Documento 117).

À medida em que o processo se desenrolou – com tentativas fracassadas de desfecho – a percepção iraniana passou a compreender qualquer acordo que não apresentasse rígida aderência a sua lei de nacionalização como uma derrota. O único resultado possível para o governo de Mossadegh seria uma capitulação quase total por parte da AIOC. Algo que os britânicos, frente à importância de tal elemento para sua estabilidade econômica, não poderiam aceitar. Abrir mão do controle do fluxo de produção petrolífera no golfo persa era uma medida inconcebível (ABRAHAMIAN, 2001).

De fato, à medida que as negociações passaram, se tornou cada vez mais claro o distanciamento e a inflexibilidade das partes. Tal cenário se tornou perceptível logo em agosto de 1951, no contexto da Missão Harriman²⁹. Em documento do dia 23 (Documento 76), o enviado norte-americano relata que seu par britânico, Richard Stokes³⁰, teria expresso a convicção de que nenhum acordo poderia ser atingido com Mossadegh.

Os britânicos passaram então a adotar uma estratégia de três frentes: primeiramente, manobras legais destinadas a evitar a nacionalização a partir de bases contratuais; posteriormente,

²⁷ “[...] that is to say all operations for exploration, extraction and exploitation shall be in the hands of the government.”

²⁸ “The question that appears to give Iranians greatest concern is how they can prevent AIOC from returning under different guise and operating politically in manner in which they maintain has been the case in the past; [...]”

²⁹ Conduzida pelo diplomata norte-americano Averell Harriman, com auxílio de Walter Levy e Vernon Walters no mês de julho de 1951. Objetivava apresentar uma solução à controvérsia das negociações entre persas e britânicos, tendo acabado por fracassar.

³⁰ Richard Rapier Stokes (1897-1957), foi o negociador britânico durante a Missão Harriman.

imposição de sanções econômicas, minando a sustentação do governo nacionalista; por fim, tentativas diretas de remover Mossadegh (GASIOROWSKI, 1987).

Para Londres, o caminho ideal não mais seria a busca de um acordo, mas a queda do regime iraniano. Tal ponto de vista é evidente em mensagem enviada no dia 9 de novembro (Documento 128a): “A perspectiva britânica parece ser a de que, com o colapso de Mossadegh, existe a forte possibilidade de um sucessor com o qual seria possível efetivar um acordo razoável e isso seria suficiente para adotar os riscos inerentes deste curso de ação”³¹.

As estratégias inglesas apresentavam claras divergências em relação ao posicionamento norte-americano. Enquanto britânicos assentavam sua linha de ação na capacidade de promover restrições econômicas e políticas – com o intuito de retomar o *status quo* e reverter os princípios de nacionalização –, os Estados Unidos começaram a perceber a inviabilidade de tal curso. Como visto em outubro de 1951, em mensagem (Documento 119) enviada por James Webb³² para a embaixada norte-americana no Reino Unido:

Os britânicos devem compreender que os Estados Unidos infelizmente chegaram à conclusão, com base em todas as evidências disponíveis, que nenhum acordo com o governo iraniano é possível caso envolva um retorno, sob qualquer forma, das operações da AIOC ou de qualquer outra firma britânica no país. Nós estamos totalmente cientes do infeliz precedente que a aceitação deste fato pode ter sobre as operações de petróleo em outras localidades. Houve certa flexibilidade nos posicionamentos do Dr. Mossadegh em relação a outros aspectos, mas quanto a esta questão, não houve qualquer flexibilidade.³³

Ao mesmo tempo em que as negociações pareciam chegar a um impasse e as pressões se acentuaram, também cresceu o temor do Xá com a situação. Como apontado, o monarca resguardava suspeitas do governo nacionalista desde sua formação. À medida que as negociações congelavam, aumentava a percepção do monarca de que o primeiro-ministro não era o homem certo para um acordo. Em memorando datado de 26 de setembro, a avaliação norte-americana da ação britânica já trazia à tona o fato de que Londres considerava mecanismos para promover a derrubada de Mossadegh e contaria com o apoio do Xá (Documento 47). Posteriormente, em relato feito pelo embaixador Henderson³⁴, no dia 26 de dezembro, este apresentou declarações de que Reza Pahlavi

³¹ “*Brit view appears to be that with collapse of Mosadeq Govt there is strong possibility of successor who will make reasonable oil agreement, and that this is sufficient to justify inherent risks of this course which they themselves must recognize*”

³² James Edwin Webb (1906-1992), subsecretário de estado da administração Truman de 1949 a 1952 e secretário em exercício na ocasião da mensagem em questão.

³³ “*Brit should understand that US has regretfully concluded, on basis of all evidence presently available, that no arrangement with IranGov is possible which wld entail return of AIOC to Iran in any form, or employment of Brit firm for operations in that country. We are fully aware of unfortunate precedent which acceptance of this fact may have upon operations of oil companies elsewhere. There has been some flexibility in positions that Dr. Mosadeq has taken with respect to other aspects of matter, but on this question there has been no flexibility.*”

³⁴ Loy Wesley Henderson (1892-1986), embaixador norte-americano no Irã de 1951 a 1954, sucedendo Henry Grady.

estaria considerando a substituição de Mossadegh. Contudo, o mesmo apontava como empecilho a ausência de uma alternativa viável para tal (Documento 138).

A percepção do monarca passou a encontrar correspondência na indisposta postura britânica. O embargo promovido por Londres parecia exercer grande efeito sobre o Xá. À medida que o tempo decorria sem resultados concretos, se intensificou também a postura intransigente de ambas as partes. Em mensagem enviada pelo secretário Acheson ao Departamento de Estado, no dia 10 de novembro, este ressalta a percepção dos britânicos de que seus investimentos estrangeiros constituíam um item elementar de sua balança de pagamentos, ao ponto de ser confrontado com a perspectiva de que a escolha norte-americana estaria entre “entregar o Irã aos comunistas ou promover a falência do Império Britânico” (Documento 128b).

A pressão externa – exercida por Londres – também ecoou na cena política iraniana. Em telegrama enviado já em 24 de maio de 1952, o embaixador Henderson apontou a existência de uma crescente pressão de lideranças políticas locais, para que o monarca “salvasse o país das ruínas”. No mesmo documento, o representante norte-americano relata conversa com Hossein Ala – ex-chefe de governo e agora Ministro da Corte – onde o mesmo enumera três possíveis candidatos a suceder Mossadegh: Ahmed Qavam³⁵, Ali Mansour³⁶ e Ibrahim Hakimi³⁷ (Documento 175). Quatro dias depois, após agitada conversa entre o monarca e o primeiro-ministro – onde Mossadegh acusou o Xá de interferência política – Ala relata ao embaixador que Pahlavi teria afirmado a necessidade de tomar ações para substituir Mossadegh em um futuro próximo (Documento 176).

Com isso, a primeira metade de 1952 trouxe um novo contorno à situação: não apenas os britânicos, mas agora também o Xá parecia disposto a se livrar do primeiro-ministro. Frente a esse novo cenário, a estratégia norte-americana passou então a considerar o apoio a tal movimento, caso apresentasse condições favoráveis. Em mensagem enviada pelo Departamento de Estado no dia 30 de maio (Documento 177), o governo concordou em prestar o apoio necessário caso “[...] Mossadegh venha a ser substituído por um governo com forte propósito de se defender da ameaça comunista externa ou interna e capaz de negociar um acordo realista para a questão do petróleo [...]”³⁸. Contudo, o mesmo documento assinala que os Estados Unidos não deveriam agir diretamente no sentido de promover tal mudança, a linha de ação deveria ser a de capitalizar a situação caso eventualmente acontecesse.

A oportunidade surgiu em julho. No dia 14, Mossadegh enviou para aprovação do Xá a composição de seu novo gabinete. Na referida proposta, o primeiro-ministro delegou a si o cargo de

³⁵ Ahmed Qavam (1873-1955) ocupou o posto de primeiro-ministro do Irã em cinco oportunidades: de 1921 a 1922, 1922 a 1923, 1942 a 1943, 1946 a 1947 e, brevemente, entre os dias 17 e 22 de julho de 1952.

³⁶ Ali Khan Mansour (1874-1974) ocupou o posto de primeiro-ministro do Irã de 1940 a 1941 e em 1950.

³⁷ Ibrahim Hakimi (1871-1959) ocupou o posto de primeiro-ministro do Irã em três ocasiões: 1945, de 1945 a 1946 e de 1947 a 1948. Na ocasião, ocupava o posto de presidente do Senado - onde esteve de 1951 a 1957.

³⁸ “*Dept agrees that should Mosadeq be replaced by Govt with strength of purpose to defend itself against external communist aggression or internal subversion and willing and able realistically negotiation for oil settlement with Brit, US should do utmost assist such Govt*”

Ministro da Guerra – subvertendo o monarca, tradicionalmente responsável pelas forças armadas. O Xá recusou o novo gabinete e Mossadegh renunciou. No dia 17, Qavam foi anunciado como primeiro-ministro.

Qavam assumiu com uma dura missão. Encontrou o país em delicada situação econômica – em razão dos embargos britânicos – e com o espectro de Mossadegh, alçado ao posto de herói nacional. O novo primeiro-ministro assumiria uma plataforma de “alinhamento total e inequívoco com o Ocidente” (Documento 84). A postura norte-americana, como apontada anteriormente, passou a ser a de buscar capitalizar a situação o mais rápido possível, no sentido de tentar a resolução da crise. Para isso, a primeira medida foi buscar mecanismos de assistência financeira – atrelados à busca por um acordo – para aliviar a situação econômica e promover um ambiente propício às negociações (Documento 86).

Contudo, o regime durou efêmeros cinco dias. O conservador primeiro-ministro acabou não resistindo à pressão da Frente Nacional – que promoveu um boicote ao *Majlis* – e a manifestações que tomaram as ruas de Teerã em defesa de Mossadegh. Qavam requisitou ao Xá que este fornecesse autorização para dissolução do parlamento e supressão das manifestações. O monarca negou e, no dia 21, Qavam confirmou sua renúncia (Documento 97). Com apelo político e popular, o Xá se viu obrigado a restituir Mossadegh após aclamação pelo parlamento (GASIOROWSKI, 1987; ABRAHAMIAN, 2001).

O retorno de Mossadegh representou não apenas uma derrota para Qavam e aos planos ocidentais de estabelecer um regime menos “hostil” a seus interesses energéticos, mas, também, um duro golpe aos poderes monárquicos. A queda de braço entre o Xá e Mossadegh acabou vencida pelo nacionalista. Os acontecimentos de julho de 1952 encerraram o primeiro período do regime nacionalista e inaugurou um segundo, com elevado grau de hostilidade - direcionada não apenas ao monarca, que viu sua influência reduzida, mas também representada por métodos autoritários para manutenção do poder. As consequências dos acontecimentos geraram também uma mudança na natureza da condução da política externa norte-americana e suas atitudes em relação ao Irã e à crise do petróleo.

3. CAMINHOS DA UNILATERALIDADE (1952-1953)

Os episódios de julho de 52 fortaleceram a posição de Mossadegh. Além de reconduzido ao poder com grande apoio popular, obteve vitória importante na Corte de Haia³⁹ - auxiliando no

³⁹ A Corte Internacional de Justiça havia julgado, também em julho, o pedido britânico referente ao caso da nacionalização do petróleo iraniano. Após defesa conduzida pelo próprio Mossadegh o tribunal julgou não ter jurisdição sobre o caso iraniano, teoricamente permitindo que o país comercializasse seu petróleo internacionalmente, mesmo sem resolução da controvérsia. Contudo, com o embargo e as ameaças de sanção impostas pelo governo britânico e a AIOC, o Irã seguiu incapaz de promover um fluxo significativo de comércio.

fortalecimento de sua imagem. A vitória do primeiro-ministro era também uma conquista contra a monarquia. Seu retorno ao poder colocou o Xá – que agiu ativamente para a instituição de Qavam ao cargo – em posição constrangedora e desencadeou uma redução de seu poder.

Este novo cenário levou a uma nova postura norte-americana. Como debatido de forma breve na introdução da pesquisa, as interpretações tradicionalmente adotadas para explicar essa alteração na condução da política externa norte-americana apresentam duas principais linhas de raciocínio: a influência britânica e suas manobras com o intuito de demonstrar a Washington que Mossadegh apresentava uma postura intransigente e irreduzível no que se refere à delimitação de um ponto de convergência nas tratativas para nacionalização; e a influência do partido Tudeh no governo nacionalista e o potencial risco de uma infiltração soviética a partir da estrutura deste grupo político.

No que se refere ao primeiro argumento, evidenciado no trabalho de Israeli (2013), a linha de raciocínio apresenta dois eixos distintos: a acessibilidade da nova administração em Washington - capitaneada por Eisenhower, em substituição à Truman - à adoção de uma postura mais assertiva em relação a Teerã e a influência britânica nas petrolíferas norte-americanas, a partir do uso do argumento de que os prejuízos causados pela expropriação das instalações da AIOC seriam o prelúdio de um destino similar para as empresas com sede em Washington e portadoras de concessão de hidrocarbonetos em nações estrangeiras.

Contudo, no que se refere ao primeiro argumento, é importante salientar que o novo mandatário norte-americano assume seu posto em janeiro de 1953 - ou seja, seis meses após a falha tentativa de substituição do nacionalista por Ahmed Qavam. Neste sentido, torna-se evidente que, ao assumir o governo em Washington, Eisenhower encontra o líder iraniano em situação muito diferente daquela vivenciada por Truman no início da crise. Agora, Mossadegh se encontrava em confronto direto com a monarquia iraniana pelo poder no país – uma unidade que, como vimos, se configurava como o eixo central da política norte-americana para o Irã. Neste sentido, é possível inferir que a mudança assertiva protagonizada pela nova gestão não advém diretamente da influência britânica e, sim, e representa uma continuidade na já declarada política de manutenção da figura do Xá como elemento de estabilidade.

Já em relação ao segundo argumento, é oportuno considerar a detalhada pesquisa realizada por Behrooz (2001) acerca da atuação do Tudeh durante este período de crise. Conforme aponta o autor, embora o partido pudesse ser considerado a força política mais organizada do país – contando com um expressivo número de militantes armados, especialmente na capital –, se manteve distante de boa parte do processo que acarretou a derrocada do regime nacionalista, limitando-se a prestar informações ao regime nacionalista acerca da possibilidade do golpe, ausentando-se de uma postura mais ativa no processo de desgaste do relacionamento de Mossadegh com a monarquia e, conseqüentemente, com Washington.

Assim sendo, reforça-se o argumento de que um dos principais alicerces da estratégia dos Estados Unidos era a garantia da figura do Xá como elemento estabilizador. Após julho, o monarca

se via eclipsado pelo poder de Mossadegh e essa posição estava ameaçada. Não obstante, existia a percepção que o agravamento da situação se dava muito em conta das nocivas políticas adotadas pelo Reino Unido, que ainda traziam caráter imperialista e falharam em perceber as mudanças que o sentimento nacionalista havia trazido para o Irã. Os Estados Unidos deviam, portanto, gradualmente buscar um curso independente e que promovesse uma solução da controvérsia.

Tal percepção acabou acentuada em outubro. Após mais uma rodada fracassada de negociações – envolvendo uma tentativa de se estabelecer um acordo de arbitragem para compensação –, o governo iraniano rompeu relações diplomáticas com o Reino Unido. Tal curso evidenciou um incremento na hostilidade de Mossadegh para com Londres. Em memorando de 19 de novembro, relatando reunião do Conselho Nacional de Segurança, John Dulles⁴⁰ apresenta indícios da futura ação norte-americana, ao afirmar que caso a postura de cooperação com Londres não apresente resultados, os Estados Unidos deveriam considerar a atuação unilateral para resgatar o fluxo de petróleo iraniano, até mesmo com o emprego de ativos militares (Documento 238).

A perspectiva de Dulles manifestou-se na resolução 136 (Documento 240), atualizando as medidas norte-americanas referentes ao Irã:

É evidente que o Reino Unido não mais possui a capacidade de assegurar unilateralmente a estabilidade da região [...] Estados Unidos deve adotar e buscar as seguintes políticas: a) continuar a assistir de todas as formas possíveis uma rápida e justa liquidação da controvérsia do petróleo; b) estar preparado para tomar as medidas necessárias para auxiliar o Irã a restabelecer sua indústria petrolífera e seus mercados; c) estar preparado para fornecer auxílio orçamentário imediato, caso este seja necessário para evitar uma séria deterioração da situação financeira e política iraniana. [...] Na condução dos objetivos citados, os Estados Unidos devem: [...] 3) Não permitir que o Reino Unido vete qualquer ação que os Estados Unidos consideraram essencial para obtenção dos objetivos citados.⁴¹

Paralelamente, Mossadegh continuou sua hostilidade e enfrentamento em relação ao Xá. Em 20 de fevereiro de 1953, o primeiro-ministro confrontou diretamente o monarca, mais uma vez movido por acusações de que este incorreu em atos de interferência política e a corte persa estaria servindo como base de operações dos interesses britânicos (Documento 166). Mossadegh ameaçou renunciar ao cargo, a menos que o monarca interrompesse atos como: fomentar sedições tribais; encorajar oficiais aposentados do exército a se rebelarem; encorajar conspirações visando a queda

⁴⁰ John Foster Dulles (1888-1959) ocupava o posto de assistente do Secretário de Estado, posteriormente assumiria o posto de Secretário de Estado a partir de janeiro de 1953, já com a administração Eisenhower.

⁴¹ *“It is clear that the United Kingdom no longer possesses the capability unilaterally to assure stability in the area. [...] United States should adopt and pursue the following policies: a) Continue to assist in every practicable way to effect an early and equitable liquidation of the oil controversy; b) Be prepared to take the necessary measures to help Iran to start up her oil industry and to secure markets for her oil so that Iran may benefit from substantial oil revenues; c) Be prepared to provide prompt United States budgetary aid to Iran if, pending restoration of her oil industry and oil markets, such aid is necessary to halt a serious deterioration of the financial and political situation in Iran. [...] In carrying out a, b, and c above, the United States should: [...] 3) Not permit the United Kingdom to veto any United States actions which the United States considers essential to the achievement of the policy objective set forth above”*

do regime; interromper ações paralelas de membros da Dinastia Pahlavi (Documento 301). Além disso, o primeiro-ministro fez as seguintes exigências para reduzir o poder político do monarca: oficiais do exército deveriam seguir as ordens de Mossadegh; o Xá não deveria se consultar com opositores; a corte deveria interromper sua política de distribuição das terras da coroa (Documento 304).

Não obstante, o primeiro-ministro indicou que seria boa ideia se o monarca deixasse o país por tempo indeterminado. Como apontado pela perspectiva do embaixador Henderson, uma possível ausência do Xá mediante tal situação poderia ser um dos primeiros passos para o fim do regime monárquico e, portanto, a extinção da peça central da estratégia norte-americana (Documento 305). Eventualmente, a ausência do monarca acabou por não se concretizar. Após manifestações contrárias por parte do *Majlis*, de oficiais das forças armadas e da população, o monarca optou por permanecer (Documento 309). A vitória dele frente a seu desafio nacionalista levantou a percepção norte-americana de que a instituição da coroa tinha, de fato, uma quantia considerável de apoio da opinião pública (Documento 310).

Mossadegh também demonstrou sua hostilidade frente à postura britânica, ao afirmar para o embaixador norte-americano que os ingleses apenas fingiam estar dispostos a buscar um acordo, enquanto estariam armando sua queda (Documento 302).

Ambos os acontecimentos levaram a um maior impulso das ideias norte-americanas de dissociar sua atuação no Irã da adotada pelo Reino Unido. A noção de que um acordo entre britânicos e o governo de Mossadegh parecia improvável, gerando a necessidade de atuação unilateral americana, se tornava mais perceptível – principalmente na visão de Dulles, que agora encabeçava o Departamento de Estado. Como visto na reunião do Conselho Nacional de Segurança, realizada em 4 de março (Documento 312):

A segunda linha de ação proposta pelo secretário de Estado seria uma dissociação dos Estados Unidos, no que tange ao Irã, dos britânicos, em um esforço para resgatar popularidade nos méritos de uma política própria [...] Contudo, disse ele, é conhecido que nossa impopularidade no Irã é amplamente uma derivação da britânica e nossa prévia associação com as ações inglesas. O problema com tal linha de ação seria se não perderíamos mais agindo sozinhos, em face à oposição britânica em outras partes do mundo, do que ganharíamos propriamente no Irã [...] O secretário Dulles apontou seu medo de que seria tarde demais para esperar que qualquer concessão razoável dos britânicos poderia resultar em um acordo com os iranianos. O único fator que poderia promover um consenso seria a capitulação total britânica.⁴²

⁴² “The second course of action proposed by the Secretary of State was for the United States to disassociate itself, regarding Iran, from the British in an effort to regain popularity on the merits of a policy of our own [...] But, he said, it was known that our unpopularity in Iran is largely a derivation of British unpopularity and our previous association in the minds of Iranians with unpopular British policies. The trouble with such a course of action as this was whether we should not lose more by going it alone, in the face of British opposition in many other areas of the world, than we should gain in Iran itself. [...] Secretary Dulles pointed out his fear that it was now too late to hope that any reasonable concession by the British to the Iranians could result in a settlement. The only thing which would produce a settlement would be a complete British capitulation.”

As crescentes pressões políticas e econômicas também ajudaram a criar um campo cada vez mais fértil para que o Xá deixasse sua passividade. Em telegrama enviado no dia 31 de março, o embaixador Henderson relata que políticos conservadores começavam a ventilar o nome do General Zahedi⁴³ como candidato a suceder o nacionalista e “salvar” o país dos males causados pelo embargo. O Xá, contudo, ainda se recusava a adotar uma postura ativa, defendendo que o primeiro-ministro acabaria naturalmente perdendo sua popularidade e o governo pereceria. No mesmo documento, o representante declara que o governo dos Estados Unidos não faria oposição a um golpe com apoio do monarca, contudo não tomaria papel ativo. O recente episódio de confronto aumentou a percepção norte-americana de que Mossadegh seguiria em hostilidade com as instituições monárquicas e buscava reduzir a influência do Xá, causando o temor de que se perderia a chave para a estabilidade persa (Documento 169).

Em relatório apresentado pela CIA, de 31 de março, a organização informa a existência do planejamento de um golpe de estado, com o intuito de promover Zahedi ao cargo de primeiro-ministro. O documento, no entanto, não apresenta a perspectiva norte-americana e nem indícios de uma possível participação (Documento 182). Contudo, é possível concluir que o posicionamento do governo estadunidense foi ao menos simpático, uma vez que, em maio, o embaixador Henderson interpelou Reza Pahlavi acerca de sua opinião sobre um possível governo do General. O monarca afirma que este seria aceitável dentro das seguintes condições: assumir dentro de condições constitucionais; contar com amplo apoio político; e ser aceito por Estados Unidos e Inglaterra (Documento 329).

No dia 7 de abril, surgiu mais um indício de que os planos para promoção de Zahedi ao cargo já haviam sido definidos. Na ocasião, o ministro da corte em conversa com o monarca iraniano ressalta a necessidade de que este atue no sentido de evitar que Mossadegh domine completamente a política iraniana e aponta o General como o único homem capaz promover a estabilidade (Documento 187). Ainda em abril, no dia 17, questionado acerca de seu posicionamento sobre a possibilidade de remoção de Mossadegh em favor de Zahedi, o monarca mantém sua posição de que o curso a ser seguido deve ser constitucional, especialmente por temer o mesmo fim do efêmero regime de Qavam (Documento 193).

Em julho, o cenário político se agravaria. Mossadegh anunciou a intenção de convocar um referendo para dissolução do parlamento (Documento 332) e, posteriormente, orientou os deputados da Frente Nacional a entregarem seus mandatos – como manobra para retirar a legitimidade do *Majlis* (Documento 333). Tais manobras cristalizaram na perspectiva norte-americana a ideia de que Mossadegh teria embarcado definitivamente na missão de instituir um regime autoritário, como evidenciado em mensagem do dia 12 de agosto, ressaltando a suposta postura ditatorial do primeiro-ministro (Documento 341).

⁴³ Fazlollah Zahedi (1892-1963), ocupou o posto de primeiro-ministro do Irã de 1953 a 1955.

As consequências de tais ações não tardaram a vir. No dia 16 de agosto o Xá emitiu decreto retirando Mossadegh e apontando Zahedi ao cargo. A Operação Ajax foi então posta em ação. De acordo com telegrama enviado pela estação iraniana da CIA, as seguintes ações foram adotadas pelos Estados Unidos em apoio: a) organização de uma coletiva de imprensa para esclarecimento de que o monarca agiu dentro da legalidade constitucional; b) apoio ao primeiro-ministro, mediante reconhecimento imediato de suas credenciais; c) pressão para a prisão imediata de Mossadegh; d) proteção do General Zahedi (Documento 264).

Contudo, o golpe fracassou inicialmente. O oficial enviado para apresentar o decreto e proceder com a prisão de Mossadegh acabou detido antes do ato (Documento 344). O Xá, em reação a falha inicial, acabou partindo para o Iraque e segundo relatório do embaixador norte-americano no país, apresentou a seguinte versão dos fatos (Documento 345):

O Xá afirmou que nas recentes semanas vinha sentindo cada vez mais a necessidade de tomar alguma ação contra Mossadegh, uma vez que o mesmo vinha desrespeitando a constituição iraniana. Portanto, uma quinzena atrás quando foi sugerido que ele patrocinasse um golpe militar, aceitou a ideia. Contudo, após maior consideração, decidiu que tais atos deveriam ser levados a cabo dentro do panorama constitucional e não por um golpe. [...] No terceiro dia, Mossadegh de alguma forma foi alertado e teve tempo para tomar contramedidas de sucesso, então, quando o Coronel chegou a sua residência, acabou ele mesmo preso.⁴⁴

Como afirma Mokhtari (2008), o fracasso dessa tentativa trouxe uma postura ainda mais crítica do primeiro-ministro em relação às instituições da monarquia. Após o episódio, Mossadegh ordenou a prisão de uma série de oficiais, a dissolução do *Majlis* e a retirada de imagens do Xá dos órgãos governamentais e vias públicas.

Contudo, a situação novamente trouxe contornos inesperados. Novas manifestações nos dias 17 e 18 de agosto deram sobrevida ao plano estadunidense e monárquico. O Tudeh, alegadamente, teria organizado manifestações em Teerã com notável caráter antimonárquico (RUEHSEN, 1993). Como afirma Gasiorowski (1987), tais manifestações foram encenadas com o objetivo de jogar a opinião pública contra Mossadegh, dando a entender que o mesmo tinha ligações com as violentas manifestações comunistas. A estratégia funcionou.

A reação popular, frente às supostas manifestações comunistas e o ataque à tradicional figura do monarca levaram a uma onda de protestos, que desta vez contou com a aderência da casta militar (Documento 283). O regime de Mossadegh acabou perdendo suas bases de sustentação e, em 19 de agosto, o nacionalista definitivamente deixou o cargo em favor de Zahedi.

⁴⁴ “Shah stated that in recent weeks he had felt increasingly that he would have to take action against Mosadeq as the latter became bolder in flouting Iranian Constitution. Therefore, when a fortnight ago it was suggested that he sponsor a military coup he accepted the idea. However, in giving it more thought he decided that such action as he took must be within the framework of his constitutional power, hence, not a coup. Thus, ... decided to appoint General Zahedi as Prime Minister in place of Mosadeq. [...] On the third day Mosadeq by some means had been alerted and had had the time to take successful countermeasures so that when the Colonel arrived at Mosadeq’s house he was himself arrested.”

A Operação Ajax, portanto, após percalço inicial, atingiu seu objetivo. Após 28 meses de impasse nas negociações, pressão econômica e efervescência política, o governo da Frente Nacional se esfacelava (MAJD, 1995). A falta de progresso nas negociações referentes à nacionalização e sua crescente oposição ao Xá se mostraram fatais ao governo, que assistiu os Estados Unidos se distanciando cada vez mais durante a segunda etapa de sua jornada como chefe do executivo iraniano. Com seu apoio popular minado pelas crescentes dificuldades econômicas, o regime do premiê não foi capaz de resistir a aliança dos ciclos conservadores iranianos com o governo estadunidense para sua derrubada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a análise, torna-se evidente a existência de dois distintos momentos na abordagem norte-americana frente ao governo de Mossadegh, entre 1951 e 1953.

Durante a primeira etapa, nota-se por parte da administração norte-americana a adoção de uma postura conciliadora. Os esforços de Washington foram orientados pela busca de uma resolução pacífica para a controvérsia de nacionalização da indústria petrolífera. A principal preocupação era estabelecer uma resolução justa, rápida, eficaz e que mantivesse o fluxo estável do petróleo persa para os mercados da Europa Ocidental – altamente dependentes do recurso para seus esforços de reconstrução e rearmamento no contexto do pós-guerra.

Contudo, os esforços norte-americanos esbarraram em um entrincheiramento de interesses tanto por parte dos britânicos quanto dos persas. Por motivos distintos, a questão petrolífera tornou-se uma questão de orgulho nacional para ambas as partes. Para os britânicos, os investimentos e a hegemonia no controle do petróleo persa representavam um dos últimos símbolos do poder de um império que desde o início do século assistia sua posição global dominante ser solapada por duas guerras mundiais e a meteórica ascensão dos Estados Unidos. Para os iranianos, a nacionalização do petróleo representava a libertação das amarras estrangeiras, vistas como um empecilho para o desenvolvimento do país. Estava criado o impasse.

Já a segunda etapa apresenta uma maior unilateralidade por parte das ações norte-americanas. O impasse negocial entre britânicos e iranianos insistiu em não evoluir. Não obstante, a situação interna em Teerã trouxe à tona crescentes preocupações para a estabilidade do país e conseqüentemente para a disponibilidade de seu valioso recurso energético para o ocidente. O governo nacionalista de Mossadegh adotou a partir de 1952 uma postura de hostilidade não apenas em relação aos interesses estrangeiros, mas também em relação as instituições monárquicas iranianas – vistas como antagonistas ao projeto nacionalista do primeiro-ministro, após os acontecimentos de julho de 1952. A adoção de tal postura, por parte de Mossadegh, incentivou a mudança de rumos na política externa norte-americana para a questão petrolífera no Irã, uma vez

que, desde o início da controvérsia, Washington enxergava na figura do Xá o principal elemento de estabilidade na situação. Esta figura, agora, estava em risco.

Com isso, desenrolam-se os planos que culminaram na Operação Ajax e a derrubada do regime de Mossadegh em agosto de 1953. A experiência nacionalista iraniana deu lugar a um governo conservador, liderado por um General aposentado e por esforços norte-americanos de se consolidar um regime cada vez mais autoritário e centrado na figura do Xá como elemento estabilizador. Posteriormente, em 1954, a controvérsia do petróleo seria resolvida com uma redução da participação britânica a 40% do mercado local e a inserção de um consórcio com participação de petrolíferas americanas. A atuação unilateral norte-americana culmina no fim da hegemonia britânica no Golfo Persa, em um regime autoritário e monárquico em Teerã e, por fim, na ascensão definitiva dos Estados Unidos como a força dominante na exploração do petróleo do Médio Oriente.

Desta forma, com base na revisão bibliográfica e pesquisa documental realizada, apresentam-se claros indícios de que a principal força motriz para a mudança na linha de atuação de Washington – abandonando sua postura conciliadora e, até mesmo, amistosa em relação ao primeiro-ministro iraniano e atuando diretamente no sentido de efetivar sua deposição. Como visto, esses esforços tornaram-se mais latentes e evidentes de forma paulatina a uma maior radicalização do governo da Frente Nacional e a crescente oposição de seu líder em relação às instituições da monarquia. Assim sendo, apresenta-se uma perspectiva distinta daquelas tradicionalmente utilizadas para justificar a mudança da postura norte-americana – usualmente centradas na análise do perigo comunista representado pelo partido Tudeh ou mesmo pela influência de Londres na atuação do governo norte-americano.

*Artigo recebido em 18 de janeiro de 2022,
aprovado em 19 de agosto de 2022.

REFERÊNCIAS

ABRAHAMIAN, Ervand. The 1953 Coup in Iran. **Science & Society**, v. 65, n. 2, summer/2001, p. 182-215.

BEHROOZ, Maziar. Tudeh Factionalism and the 1953 Coup in Iran. **International Journal of Middle East Studies**, v. 33, n. 3, agosto/2011. p. 363-382.

GASIOROWSKI, Mark J. The 1953 Coup D'Etat in Iran. **International Journal of Middle East Studies**, v. 19, n. 3, Agosto/1987, p. 261-286.

HENNIKER-MAJOR, Edward. Nationalization: The Anglo-Iranian Oil Company, 1951 Britain vs. Iran. **Moral Cents**, v. 2, n. 2, summer/fall 2013. p. 16-34.

Information Report Prepared in the Central Intelligence Agency. Washington, March 31, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951-1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 182.

Information Report Prepared in the Central Intelligence Agency. Washington, April 17, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951-1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 193.

Intelligence Memorandum Prepared in the Office of Current Intelligence, Directorate of Intelligence, Central Intelligence Agency. Washington, July 11, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951-1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 39.

ISRAELI, Ofer. The Circuitous Nature of Operation Ajax. **Middle Eastern Studies**, v. 49, n. 2, 2013. p. 246-262.

KIM, Jaechun. The First American Secret War: assessing the origins and consequences of Operation AJAX in Iran. **International Area Review**, v. 9, n. 1, spring/2006. p. 195-216.

MAJD, M. G. The 1951-53 Oil Nationalization Dispute and the Iranian Economy: A Rejoinder. **Middle Eastern Studies**, v. 31, n. 3, julho/1995, p. 449-459.

MARSH, Steve. The United States, Iran and Operation 'Ajax': Inverting Interpretative Orthodoxy. **Middle Eastern Studies**, v. 39, n. 3, julho/2003, p. 1-38.

Memorandum by the Deputy Assistant Secretary of State for Near Eastern, South Asian, and African Affairs (Berry) to the Secretary of State. Washington, March 14, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951-1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 5.

Memorandum for the President of Discussion at the 125th Meeting of the National Security Council on November 19, 1952. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951-1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 238.

Memorandum From Director of Central Intelligence Dulles to President Eisenhower. Washington, March 1, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951-1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 169.

Memorandum From Henry Villard of the Policy Planning Staff, Department of State, to the Chairman of the Policy Planning Staff (Nitze). Washington, September 26, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951-1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 47.

Memorandum of Conversation, by Colonel Vernon Walters. Washington, October 23, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951-1954**,

Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 117.

Memorandum of Discussion at the 135th Meeting of the National Security Council, Washington, March 4, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 312.

Memorandum Prepared in the Embassy in the United Kingdom. London, April 7, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951–1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 187.

Memorandum Prepared in the Office of National Estimates, Central Intelligence Agency. Tehran, May 7, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951–1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 20.

Memorandum Prepared in the Office of National Estimates, Central Intelligence Agency, for the President. Washington, March 1, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 310.

MOKHTARI, Fariborz. Iran's 1953 Coup Revisited: Internal Dynamics versus External Intrigue. **Middle East Journal**, v. 62, n. 3, Summer/2008. p. 457-488

Note by the Acting Executive Secretary of the National Security Council (Gleason). Washington, June 27, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951–1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 35.

Position Paper Prepared in the Bureau of Near Eastern, South Asian, and African Affairs. Washington, July 22, 1952. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951–1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 97.

Prime Minister Attlee to President Truman. London, June 5, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 27.

RUEHSEN, Mayara M. Operation Ajax Revisited: Iran, 1953. **Middle Eastern Studies**, v. 29, n. 3, julho/1993, p. 467-486.

Statement of Policy Proposed by the National Security Council. Washington, November 20, 1952. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 240.

Telegram From the Department of State to the Embassy in the United Kingdom. Washington, July 18, 1952. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954**,

Iran, 1951–1954, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 86.

Telegram From the Embassy in Iran to the Department of State. Tehran, July 18, 1952. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951–1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 84.

Telegram From the Embassy in Iran to the Department of State. Tehran, February 28, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951–1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 166.

Telegram From the Embassy in Iran to the Department of State. Tehran, August 20, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951–1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 283.

Telegram From the Station in Iran to the Central Intelligence Agency. Tehran, August 16, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Iran, 1951–1954**, Second Edition. Ed. James C. Van Hook. Washington: United States Government Publishing Office. 2018. Document 264.

The Acting Secretary of State to the Embassy in Iran. Washington, March 7, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 4.

The Acting Secretary of State to the Embassy in the United Kingdom. Washington, October 30, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 119.

The Acting Secretary of State to the Secretary of State, at Paris. Washington, November 9, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 128a.

The Ambassador in Iraq (Berry) to the Department of State. Baghdad, August 17, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 345.

The Ambassador in Iran (Grady) to the Department of State. Tehran, May 7, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 18.

The Ambassador in Iran (Henderson) to the Department of State. Tehran, December 26, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 138.

The Ambassador in Iran (Henderson) to the Department of State. Tehran, May 24, 1952. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 175.

The Ambassador in Iran (Henderson) to the Department of State. Tehran, May 28, 1952. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 176.

The Ambassador in Iran (Henderson) to the Department of State. Tehran, February 22, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 301.

The Ambassador in Iran (Henderson) to the Department of State. Tehran, February 23, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 302.

The Ambassador in Iran (Henderson) to the Department of State. Tehran, February 24, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 304.

The Ambassador in Iran (Henderson) to the Department of State. Tehran, February 25, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 305.

The Ambassador in Iran (Henderson) to the Department of State. Tehran, February 28, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 309.

The Ambassador in Iran (Henderson) to the Department of State. Tehran, May 30, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 329.

The Chargé in Iran (Mattison) to the Department of State. Tehran, July 13, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 332.

The Chargé in Iran (Mattison) to the Department of State. Tehran, July 13, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 333.

The Chargé in Iran (Mattison) to the Department of State. Tehran, August 12, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume

X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 341.

The Chargé in Iran (Mattison) to the Department of State. Tehran, August 16, 1953. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 344.

The Secretary of State to the Department of State. Paris, November 10, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 128b.

The Secretary of State to the Embassy in Iran. Washington, March 17, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 9.

The Secretary of State to the Embassy in Iran. Washington, May 11, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 21.

The Secretary of State to the Embassy in Iran. Washington, May 30, 1952. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 177.

The Special Assistant to the President (Harriman) to the Department of State. Tehran, July 19, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 43.

The Special Assistant to the President (Harriman) to the Department of State. Tehran, July 24, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 52.

The Special Assistant to the President (Harriman) to the Department of State. Tehran, August 19, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 72.

The Special Assistant to the President (Harriman) to the Department of State. Tehran, August 23, 1951. In: **Foreign Relations of the United States, 1952–1954, Iran, 1951–1954**, Volume X. Eds. Carl N. Raether & Charles S. Sampson. Washington: United States Government Printing Office. 1989. Document 76.